

RESUMO - CIÊNCIAS HUMANAS - FILOSOFIA

MEDO E ANGÚSTIA EM MARTIN HEIDEGGER

Hellen Cristina Da Cruz Ramalho (hellen.ramalho1307@gmail.com)

Francisco José Dias De Moraes (fjdmoraes@gmail.com)

A filosofia heideggeriana representa uma transformação significativa ao romper com a tradição metafísica, colocando a existência concreta do ser-no-mundo como o centro da investigação sobre a questão do Ser. Em vez de conceber o Ser apenas como um ente ou um conceito estático, Heidegger propõe a existência como elemento central dessa investigação, valorizando a experiência concreta do ser-no-mundo como a verdadeira condição para a compreensão do Ser. Essa mudança de paradigma, que privilegia a existência e a temporalidade, fundamenta o pensamento heideggeriano e estabelece as bases da fenomenologia existencial — um campo filosófico e psicológico que explora a existência em toda a sua complexidade. Essa abordagem é especialmente relevante para a psicologia, pois permite ultrapassar as abordagens tradicionais e mecanicistas, integrando conceitos heideggerianos ao campo clínico. Tal integração favorece práticas terapêuticas mais claras, eficazes e sensíveis à singularidade e à complexidade do sujeito, promovendo uma clínica que respeita a experiência existencial dos indivíduos. O método bibliográfico narrativo foi escolhido para investigar os conceitos da filosofia heideggeriana relacionados ao tema "Medo e Angústia em Martin Heidegger". Essa escolha baseia-se na revisão sistemática de obras relevantes, com destaque para a leitura da obra principal Ser e Tempo, complementada por textos de apoio, como os Seminários de Zollikon. O método envolve a análise e

síntese crítica da literatura, buscando esclarecer e aprofundar os conceitos ligados ao tema delimitado, o que proporciona uma compreensão abrangente e integrada das ideias heideggerianas sobre medo e angústia. O método bibliográfico narrativo possibilitou uma análise crítica e integrada das principais obras de Heidegger, evidenciando a relevância dos questionamentos levantados, mesmo que não totalmente esgotados. A distinção entre angústia própria e medo como angústia imprópria, assim como a relação funcional entre ambos, demonstra o potencial transformador da angústia na singularização do sujeito e na vivência autêntica do poder-ser. No pensamento heideggeriano, medo e angústia são disposições existenciais fundamentais que configuram a maneira como o ser-aí se revela no mundo, não sendo meras emoções. A angústia própria é essencial ao ser-aí, pois o confronta consigo mesmo e possibilita sua singularização autêntica. O medo, classificado como angústia imprópria, indica um estado em que o ser-aí está disperso e perdido em relação ao seu poder-ser. Angústia e medo coexistem, sendo que a vivência da angústia própria transforma a experiência do medo, sem eliminá-lo. Assim, a articulação entre a filosofia heideggeriana e a psicologia clínica representa um avanço significativo para práticas terapêuticas mais sensíveis e eficazes, pois reconhece a complexidade da existência humana e respeita a singularidade do sujeito. Dessa forma, este trabalho contribui para o aprofundamento teórico e prático no campo da fenomenologia existencial, reforçando a importância da integração entre filosofia e psicologia para promover um cuidado mais integral do ser humano.

Palavras-chave: angústia; medo; disposições; ser-aí.